

Nomes populares de aves brasileiras coletados por Johann Natterer (1817-1835)

Fernando Costa Straube^{1,2}
Iury Almeida Accordi^{2,3}
Martha Argel⁴

INTRODUÇÃO

Por sua grande extensão territorial e pela diversidade cultural, não existe no Brasil uma homogeneidade no uso dos nomes populares das aves que o habitam. Uma espécie pode ter nomes diferentes em diferentes regiões e mesmo ser conhecida por múltiplos nomes numa só localidade; além disso, certos nomes podem ser aplicados indistintamente a várias espécies, inclusive em uma mesma localidade (Willis & Oniki, 1986; Pacheco, 2001; Figueiredo, 2002).

Num país onde a interação entre a comunidade acadêmica e a população leiga já é precária pelo uso excessivo de jargão por parte daquela e pelo baixo nível de instrução desta, a falta de especificidade dos nomes populares compromete ainda mais a capacidade de comunicação entre ambas.

O desconhecimento dos nomes usados pela população de uma dada comunidade faz com que o acadêmico, ao tentar transmitir informações que julga relevantes, não seja inteiramente compreendido ou, pior, acabe introduzindo denominações alheias à cultura local. Se o primeiro caso acentua a impressão geral de que “ciência é complicada” e é “coisa de doutores”, o segundo gera a conseqüência perversa de suplantarem e levar ao desaparecimento peculiaridades regionais da língua, em última análise empobrecendo nossa cultura popular.

Ao produzir uma obra de referência sobre as espécies de aves brasileiras (por exemplo, Sick,

1997, e a lista do CBRO, 2006), o autor vê-se obrigado a escolher um nome popular para identificar inequivocamente cada espécie. Quando essa obra tem uma distribuição e uma repercussão nacionais, como conseqüência inevitável os nomes constantes do livro passarão a ser utilizados pelos leitores em detrimento de quaisquer outros nomes usados localmente. Esse processo de substituição da nomenclatura local pela livresca é inevitável e irreversível, e deverá se acentuar à medida que mais obras de divulgação são publicadas e tornam-se acessíveis à população em geral.

Assim, torna-se premente estudar e registrar as variações regionais e locais na nomenclatura popular utilizada, antes que sejam suplantados de todo por nomes provenientes do meio acadêmico e utilizados na mídia. Dessa forma, mesmo que no dia-a-dia os nomes locais não sejam utilizados, sua memória será preservada e perpetuada entre a população.

A questão do estudo dos nomes populares das aves tem merecido alguma atenção no Brasil (p. ex. Garcia, 1929; Vieira, 1936; Ihering, 1968; Andrade, 1982, 1985; Willis & Oniki, 1986, 1989, 1991; Figueiredo, 1986; Höfling, 1987; Sick, 1997; Bencke, 2001; CEO, 2006; CBRO, 2006; Willis, 2006). Ainda assim, são poucos os trabalhos que se ocupam em registrar e comentar os nomes populares utilizados em localidades específicas (por exemplo, Argel-de-Oliveira, 1992).

O austríaco Johann Natterer (1787-1843) chegou em 1817 ao Brasil para estudar sua fauna, e foi o mais produtivo dos naturalistas do Século XIX, tendo obtido imenso material científico nos 18 anos em que percorreu o território nacional (Goeldi, 1896; Ihering, 1902; Vanzolini, 1993; Straube, 2000, dentre vários outros). Além de realizar coletas de material zoológico, botânico e antropológico, Natterer realizou abundantes anotações, tanto em seus diários de campo quanto nos rótulos dos espécimes colecionados (Sick, 1997). Constam de seus preciosos registros não apenas informações como coloração de partes nuas e detalhes do comportamento, mas também os nomes populares usados nas localidades que visitou, compondo um acervo sem precedentes na história da Zoologia no Brasil.

No presente estudo, é feita uma compilação dos nomes de aves coligidos por Natterer e apresentados na obra "*Zur Ornithologie brasiliens*" de Auguste von Pelzeln (1871), que reúne toda informação ornitológica resultante da atividade do naturalista em nosso país. Tal análise reveste-se de especial importância, uma vez que tais nomes foram registrados numa época em que ainda estavam longe de surgir meios eficientes de comunicação de massa. Dessa forma, os nomes recolhidos em cada localidade são autênticos, e isentos da contaminação pela mídia, como é comum hoje.

MÉTODOS

Este estudo não pretende discutir a validade ou não de uniformizar nomes vernáculos de aves para o português do Brasil. Seguindo o raciocínio de Bencke (2001), consideramos *nome vernáculo* como denominação da espécie na língua considerada, podendo ser de dois tipos: *nome popular*, quando o uso pela população é tradicional, e *nome geral* (termo criado e consolidado por Willis & Oniki, 1991), quando ele é criado por ornitólogos.

Os nomes, apresentados em ordem alfabética, constam da obra clássica "*Zur Ornithologie brasiliens*", de Auguste von Pelzeln (1871). Todos foram transcritos e posteriormente adaptados à ortografia da língua portuguesa do Brasil (ABL, 2004), com apoio de dicionários (Houaiss & Villar, 2001; ABL, 2004). Desta forma procurou-se preservar a grafia original apresentada por Pelzeln, ainda que houvesse indícios de adulteração. Mesmo nomes que diferem da nomenclatura vernácula tradicional (p. ex. *caruja* e *curuja versus coruja*) foram mantidos e adaptados de acordo com a ortografia vigente.

A lista de nomes populares obedece a seguinte notação: 1. nome popular (em negrito) com adaptação à ortografia vigente; 2. grafia utilizada por Pelzeln (em itálico), seguida da página (Pelzeln, 1871) onde foi citada e local onde o nome popular foi utilizado (s.l. indica que não há menção a localidade); 3. denominação científica atual (de acordo com CBRO, 2006); 4. comentários adicionais.

Informações complementares sobre as localidades e sua situação geográfica foram obtidas em Paynter & Traylor (1991) e Vanzolini (1993).

RESULTADOS

1. ANÁLISE CRÍTICA DA FONTE

O presente estudo é uma adaptação ao português do Brasil contemporâneo, dos nomes populares de aves anotados por Johann Natterer.

Quando se estudam os nomes populares, deve-se levar em conta que durante o processo de registro há várias fontes potenciais de imprecisão.

Inicialmente, um nome popular tem natureza ágrafa, isto é, verbal, tendo sido oralizado por um informante. Nem sempre o uso de um nome é amplo na comunidade. Em certos casos, pode mesmo ter sido criado na hora pelo entrevistado, que se sente constrangido em demonstrar desconhecimento diante do pesquisador.

Também pode haver imprecisões no processo de armazenamento da informação, em geral manuscrito, pois a caligrafia do entrevistador pode ser pouco clara. Ainda, quando a língua pátria do entrevistador difere da do entrevistado, a transcrição do som em fonema pode ser incorreta (cf. *coruja*, *curuja* e *caruja*). Ambos os problemas são observados no legado de Natterer.



Johann Natterer

Embora o capricho na preparação dos espécimes seja sempre lembrado em sua biografia (vide comentários de Auguste de Saint-Hilaire, citados por Sick, 1997), a caligrafia dele não era perfeitamente legível, como se nota em seus rótulos originais (Figura 1). Por exemplo, a espécie *Elanoides forficatus* é grafada tanto "ytapema" como "tapenna", e o duplo "n" nada mais é do que um "m".

Outra fonte potencial de erro reside na interpretação das informações manuscritas. No caso dos nomes de Natterer, a interpretação e transcrição das informações contidas nos rótulos e nos diários de campo foi feita por Pelzeln, que cometeu alguns equívocos. Muitos nomes usados por Natterer, por exemplo, mostram nítida influência do espanhol. Isso é notado tanto nos nomes das aves (p. ex. *tinguazu*, em vez de *tinguaçu*) quanto de localidades do *Itinerarium* (*Serra de Pao de la Boa Vista* = Serra de Pão de Ló, Boa Vista). Algumas destas situações talvez resultem de limitações tipográficas da época, como a carência de caracteres tipicamente portugueses (ou o desconhecimento de seu uso) como o "til sobre a vogal a" (*cf. gavião*, às vezes também *gavian*). A presença do português na grafia dos nomes, porém, é definitiva: *anhupocca* (adoção do *nh* em vez do *ñ* e do duplo *cc*, tal como grafado na época) e *araçari* (uso do cedilha que, naquela época, era usado em poucas línguas, tendo sido abolido do espanhol no Século 18).

Os sinais de tonicidade também são fiéis ao português da época, com uso do acento agudo para identificar vogais fechadas e do acento grave para as abertas. Em alguns casos há inconsistências, decorrentes talvez do pequeno domínio do português por Natterer, Pelzeln e por prováveis revisores e editores da obra. Ainda assim, ao menos em um caso houve preocupação em distinguir claramente uma situação de outra: *Cochlearius cochlearius*, tratada como "arapape" mas com a ressalva: "Man nennt sie Arapapè in Borba" ("Alguns a chamam de arapapè em Borba") (Pelzeln, 1871: 303).

As denominações citadas por Natterer reaparecem posteriormente em um sem número de obras de outros ornitólogos. Não há dúvidas de que os nomes citados por Natterer foram obtidos diretamente dos povos com que conviveu no Brasil. Não há como saber, porém, se autores posteriores a ele também registraram os mesmos nomes em campo ou se apenas copiaram a informação de Natterer, uma vez que como regra tais pesquisadores não se preocupam em informar a procedência dos nomes que usam.

A despeito desses problemas, que até hoje dificultam a coleta e o estudo dos nomes populares, as denominações coligadas por Natterer são preciosas e constituem mais uma contribuição de peso dentro do valioso legado que esse naturalista proporcionou à História Natural no Brasil.

2. OS NOMES POPULARES DE NATTERER

Acaém (*Acahen*, p. 191: "Paranagua") = *Cyanocorax caeruleus*. Como variação de acaé, foi dicionarizada por Houaiss & Villar (2001).



FIGURA 1. Rótulo do exemplar de *Taoniscus nanus* colecionado em Jaguariaiva (Paraná), tendo ao centro o rótulo original da Natterer (Foto: E. Bauernfeind).

Acaemim-cavalo (*Coemim cabaru*, p. 217: "Pirahy") = *Cissopis leveriana*. A denominação não pôde ser localizada em nenhuma obra referencial, sequer sob grafias semelhantes. Não resta dúvida, porém, que se trate de cognata da forma guarani "aka'emi[chí] kavaru" que, na tradução ao pé da letra seria: gralha-pequena-cavalo. A denominação é usada no Paraguai para a mesma espécie (Pérez & Colmán, 1995).

Alcatraz (*Alcatraz*, p. 326: "Sapitiba") = *Fregata magnificens*.

Alma-de-gato (*Alma de gato*, p. 272: "Sapitiba") = *Piaya cayana*.

Alma-de-mestre (*Alma de Mestre*, p. 322: "Rio") = *Oceanites oceanicus*.

Anacã (*Anacã*, p. 265: s.l.) = *Derophtus accipitrinus*.

Anacá (*Anacá*, p. 265: "Rio Negro") = *Derophtus accipitrinus*. Variação de anacã, introduzida por Cândido de Figueiredo em 1899 (Houaiss & Villar, 2001).

Anhupoca (*Anhupocca*, p. 314: "Cuyaba") = *Chauna torquata*. Variação de anhumapoca (Houaiss & Villar, 2001).

Anu (*Anu*, p. 269: "Sapitiba") = *Crotophaga ani*.

Anu-branco (*Anu branco*, p. 269: "S. Paulo") = *Guira guira*.

Anu-do-campo (*Ano do Campo*, p. 269: s.l.) = *Guira guira*.

Anu-do-brejo (*Anu do brejo*, p. 268: "Sapitiba") = *Crotophaga major*.

Anu-grande (*Anu grande*, p. 268: s.l.) = *Crotophaga major*.

Araçari (*Araçari*, p. 233: "Rio Branco") = *Ramphastos tucanus*.

Araçari (*Araçari*, p. 235: "Sapitiba") = *Pteroglossus aracari*.

Araçari-de-cabelos-arrepiados (*Araçari de cabillos arripiados*, p. 238: s.l.) = *Pteroglossus beauharnaesii*.

Araçaripoca (*Araçari pocca*, p. 238: "Registro do Sai") = *Selenidera maculirostris*. Em CBRO (2006) consta "araçari-poca", mas a forma aqui considerada é preferível (Houaiss & Villar, 2001).

Aracuã (*Aracuan*, p. 285: "Barra") = *Ortalis motmot*.

Aracuã (*Aracuan*, p. 285: "Rio Murià") = *Ortalis superciliaris*.

Aracuã (*Aracuan*, p. 286: "Villa Maria") = *Ortalis canicollis*.

Aracaiaba (*Araçay ava*, p. 261: "Ypane-ma") = *Triclaris malachitacea*.

Araguai (*Ara guahy*, p. 256: "Mattodentro") = *Aratinga leucophthalma*.

Arapaçu (*Arapazu*, p. 44: "Mattodentro") = *Lepidocolaptes falcinellus*. Em algumas passagens, Pelzeln (1871) parece dar um tom castelhano a denominações de origem indígena terminadas em "açu". Por exemplo, "picaçuroba" e "tinguaçu", nomes amplamente conhecidos no Brasil, figuram na obra como *picaçuroba* e *tinguazu*. Em outros casos, preserva o padrão português (p. ex. *arataiaçu*).

Arapape (*Arapape*, p. 303: "Borba") = *Cochlearius cochlearius*. Vide a seguinte.

Arapapé (*Arapapè*, p. 303: "Borba") = *Cochlearius cochlearius*. Natterer admite a variação de tonicidade na seguinte passagem: "Man nennt sie Arapapè in Borba" ("Alguns a chamam de arapapé em Borba") (Pelzeln, 1871: 303).

Araponga (*Araponga*, p. 134: "Rio de Janeiro") = *Procnias nudicollis*.

Araponga-do-horto (*Araponga do horto*, p. 42: s.l.) = *Oxyruncus cristatus*.

Arara-vermelha (*Arara vermelha*, p. 255: "Cubatão") = *Ara chloropterus*.

Arapinha (*Ara rinha*, p. 255: "Araguay") = *Orthopsittaca manilata*.

Arataiaçu (*Arataiaçu*, p. 303: s.l.) = *Cochlearius cochlearius*.

Azulão (*Azulao*, p. 221: "Pahor") = *Cyanocompsa brissonii*.

Bacacu (*Bacacu*, p. 133: "Rio negro") = *Xipholena punicea*.

Bacacu-preto (*Bacacu preto*, p. 133: "Pará") = *Xipholena lamelipennis*.

Bacoco (*Bacoco*, p. 133: s.l.) = *Xipholena punicea*.

Bairari (*Bairari*, p. 276: "Mattodentro") = *Zenaida auriculata*. Garcia (1929) e Vieira (1936) endossam a denominação para esse espécie.

Barbado (*Barbado*, p. 23: "Sapitiba") = *Malacoptila striata*.

Batuira (*Batuira*, p. 297: "Sapitiba") = *Charradrius collaris*.

Batuira (*Batuira*, p. 297: "Sapitiba") = *Arremonia interpres*.

Batuira-de-mar-grosso (*Batuira de Mar-grosso*, p. 298: "Restinga") = *Haematopus palliatus*.

Batuira-do-campo (*Batuira do Campo*, p. 310: "Mattodentro") = *Bartramia longicauda*.

Bico-de-furo (*Bico de furo*, p. 222: "Ypane-ma") = *Sporophila angolensis*.

Bico-rasteiro (*Becco rasteiro*, p. 324: s.l.) = *Rhynchops niger*.

Biguá (*Bigua*, p. 325: "Sapitiba") = *Phalacrocorax brasilianus*.

Biguatinga (*Biguatinga*, p. 325: "Araguay?") = *Anhinga anhinga*.

Bira-bira (*Bira bira*, p. 73: "Rio") = *Vireo olivaceus*. Onomatopéico. Em São Paulo (Alto Ribeira) o nome "vira-vira" foi registrado recentemente para *Cyclarhis gujanensis* (M. Argel, obs. pess).

Brugaiara (*Brugaiara*, p. 74: s.l.) = *Batara cinerea*.

(Buchicaraim) (*Buchi caraim*, p. 220: "Ypanema") = *Saltator grossus*. A grafia é provisória. Não foi possível localizar sequer outras grafias semelhantes.

Bujara (*Mbujara*, p. 74: "Mattodentro") = *Mackenziaena leachii*. Houaiss & Villar (2001) citam brujarara. De fato, há uma grande variação nesse nome (*vide* adiante) no sudeste e sul do Brasil onde a espécie ocorre. O "mb" que, em nhengatu é uma única consoante, é comparável ora ao "b", ora ao "m" do português. Em São Paulo (Alto Ribeira), o nome "brajara" foi registrado recentemente para duas espécies, *Batara cinerea* e *Mackenziaena leachii* (M. Argel, obs. pess); no Paraná (Serra do Mar), esta última, e também *Mackenziaena severa*, são chamadas indistintamente de "brujara" (F.C. Straube, obs. pess).

(Bulaúra) (*Bulahura*, p. 75: s.l.) = *Mackenziaena severa*. Esta grafia é duvidosa, podendo se tratar de erro tipográfico e ou de transcrição.

Brujajara (*Brujajara*, p. 75: "Matto dentro") = *Mackenziaena severa*.

Caboclinho (*Loxia caboclinho*), pp. 224 e 331: provavelmente "Rio [de Janeiro]". Parece indiscutível que o nome usado para a descrição de *Spermophila caboclinho* Pelzeln, 1871 seja oriundo de uma denominação popular anotada por Natterer, porém não mencionada naquela obra. Na primeira passagem, consta uma comparação com "gelbschnäbeligen Colleiro" (coleiro de bico amarelo), mas a denominação coleiro não aparece em nenhum trecho da obra = *Sporophila bouvreuil*.

Cambada-de-chaves (*Gambada de Chave*, p. 207: s.l.) = *Tangara brasiliensis*. Erro de transcrição. O nome provavelmente tem origem onomatopéica, visto a vocalização tilintada da espécie; "cambada" refere-se a molho [de chaves] (Houaiss & Villar, 201).

Caminheiro (*Caminheiro*, p. 69: "Ytararé") = *Anthus correndera*

Canarinho (*Canari*, p. 231: "Sapitiba") = *Sicalis flaveola*. Aqui há um erro tipográfico ou de transcrição; poderíamos admitir canarinho (ou sua corruptela "canarim") ou canário.

Capaçuroba (*Capazuroba*, p. 274: s.l.) = *Patagioenas plumbea*. Variante de picaçuroba, nome amplamente utilizado para a espécie no sudeste e sul do Brasil.

Capoeira (*Capoeira*, p. 289: "in den Prov. von Rio und S. Paulo") = *Odontophorus capueira*.

Carará (*Carará*, p. 325: "am Rio negro") = *Anhinga anhinga*. O nome foi registrado para essa mesma espécie em Rondônia (rio Cautário) (Argel-de-Oliveira, 1992), assim como em várias outras regiões brasileiras (p. ex. Pantanal do Mato Grosso do Sul).

Cardeal (*Cardeal*, p. 228: "R. Janeiro") = *Paroria coronata*. Embora a procedência desta espécie, nunca registrada no Rio de Janeiro, possa parecer estranha, refere-se Pelzeln (1871) a exemplares de cativoiro, conforme nota de rodapé.

Caruja (*Caruja*, p. 9: "Sapitiba") = *Megascops choliba*. Variante de "coruja".

Catingueiro-cigana (*Catinguero-Zigana*, p. 280: "E. C. Gama") = *Opisthocomus hoazin*.

Cau-cau (*Caucau*, p. 320: "Mattodentro") = *Nomonyx dominica*. Onomatopéico.

Cauncã (*Cauncam*, p. 2: s.l.) = *Ibycter americanus*. Variante de canção e canã, nome pelo qual é conhecida a espécie no Brasil.

Cavacuê (*Cavakuê*, p. 265: "Rio negro") = *Amazona autumnalis*. Houaiss & Villar (2001) adotam cavacuê, mas preferimos a outra forma pela grafia utilizada, bem como pela origem indígena (e portanto oxítone fechada) do nome.

Chapim (*Chapim*, p. 193: "Pará") = *Cassicus cela*. Variação de japim, talvez por influência do nome popular pelo qual são conhecidas as espécies do gênero *Parus*, comuns na Europa. A caligrafia "ja" poderia ter sido interpretada por "cha", estimulada pelo nome chapim, muito utilizado em Portugal.

Chapim-do-mato (*Chapim do Matto*, p. 193: "Pará") = *Cassicus haemorrhous*. Vide "chapim"

Charão (*Charam*, p. 267: "Rio Araguay") = *Salvatoria xanthops*. O nome, atribuído a outra espécie de papagaio (*Amazona pretrei*) em toda a literatura ornitológica, parece ter muito maior dispersão pelo Brasil. De fato, denominações similares - em geral onomatopéicas - podem ser utilizadas para várias espécies de psitacídeos, como por exemplo, "curau" para *Salvatoria xanthops* em Brasília, *Amazona amazonica* em Mato Grosso e *Amazona rhodocorytha* em Alagoas (Sick, 1997).

Choca (*Choca*, p. 76: "Sapitiba") = *Thamnophilus ambiguus*.

Choca-grande (*Choca grande*, p. 75: s.l.) = *Hypodaleus guttatus*.

Choca-parda (*Choca parda*, p. 78: "Sapitiba") = *Thamnophilus palliatus*.

Chupim-do-charco (*Chopi do charco*, p. 198: "Scaramuza") = *Pseudoleistes guirahuro*. Embora o uso da forma "chopim" seja difundido, a grafia chupim é preferível (Houaiss & Villar, 2001), pois corresponde à pronúncia popular.

Chupa-flor-do-mato-virgem (*Chuppa flor do Matto virgem*, p. 24: "Sapitiba") = *Galbula ruficauda*.

Codorna (*Codorna*, p. 295: "Ypanema") = *Nothura maculosa*

Codorna (*Codorna*, p. 295: "Faz. d. R. verde") = *Nothura minor*

Codorniz (*Codorniz*, p. 295: s.l.) = *Nothura maculosa*

Colhereiro (*Colhereiro*, p. 304: "Sapitiba") = *Platalea ajaja*

Coroira (*Coroira*, p. 48: "Rio de Janeiro") = *Cistothorus platensis*. Variante de corruíra.

Corta-mar (*Corta Mar*, p. 324: "Sapitiba") = *Rhynchops niger*

Corvo-branco (*Corvo branco*, p. 1: s.l.) = *Sarcoramphus papa*. Em várias regiões brasileiras, em especial no sul do País, quase não se usa "urubu" para designar os catartídeos, dando-se preferência a "corvo". Natterer colecionou 17 exemplares em várias regiões do Bra-

sil, e é impossível determinar onde registrou o nome.

Corocotéu (*Corocoteho*, p. 132: "Campo largo") = *Carpornis cucullata*.

Coxovi (*Coxovi*, p. 284: s.l.) = *Aburria cujubi*. Variação de cujubi ou cujubim.

Cuiteluçu (*Cuiteluçu*, p. 25: "Pirahy") = *Jacamarylcyon tridactyla*.

Cuiú-cuiú (*Cuyú cuyú*, p. 262: "Cimiterio") = *Pionopsitta pileata*. O nome, largamente utilizado para essa espécie de psitacídeo, foi registrado recentemente em São Paulo (Alto Paranapanema) (M. Argel, obs. pess).

Curiangu (*Curiangu*, p. 12: "Goyao") = *Eleothreptus anomalus*. Variante de curiango, admitida por Houaiss & Villar (2001).

Curiangu (*Curiangu*, p. 13: "Ypanema") = *Caprimulgus sericocaudatus*.

Curica (*Curica*, p. 266: "Rio negro") = *Amazona amazonica*. O nome foi registrado para *Gypopsitta barrabandi*, em Rondônia (Rio Cautário) (Argel-de-Oliveira, 1992).

Curucaca (*Curucacca*, p. 307: "Ytararé") = *Theristicus caudatus*. Variante de curicaca, talvez privativa da região sul do Brasil (v. Lopes, 1981) e áreas limítrofes, ainda que omitida na maior parte das obras referenciais (Sick, 1997; CEO, 2006). "Curucaca" ainda é utilizado hoje em dia nos arredores de onde Natterer o registrou, no estado de São Paulo (p. ex. Bom Sucesso de Itararé) (M. Argel, obs. pess).

Curuia (*Curuya*, p. 9: "Mattodentro") = *Asio flammeus*. Provavelmente trata-se de erro de transcrição de "coruja".

Curuja (*Curuja*, p. 9: "Sapitiba") = *Pulsatrix perspicillata*. Variante de "coruja", raramente lexicografada embora seja a grafia mais compatível, no Brasil, com a pronúncia popular.

Curucuturi (*Curucutury*, p. 3: "Goyao") = *Buteo albicaudatus*. Junto com "sovi" (q.v.), um dos raríssimos nomes populares onomatopéicos de acipitrídeos brasileiros.

Eréré (*Erèrè*, p. 319: "bei Sta. Cruz") = *Dendrocygna viduata*. Variante de "irerê".

Ferreirinha (*Ferreirinha*, p. 102: "Marabitanas") = *Lophotriccus galeatus*.

Fogo-pagou (*Fogo pagon*, p. 277: s.l.) = *Columbina squammata*. Variante (corruptela) de "fogo-apagou", ambas denominações largamente usadas no Brasil.

Gainambé (*Gainambé*, p. 134: "Barcelos") = *Procnias alba*.

Gaivota (*Gaivotta*, p. 323: "Marambaya") = *Larus dominicanus*.

Galo-do-mato (*Gallo do Matto*, p. 128: "Rio de Janeiro") = *Machaeropterus regulus*.

Gambacheira (*Gambachera*, p. 48: s.l.) = *Cistothorus platensis*. Variante de "cambaxirra".

Gambacheira-grande (*Gambachera grande*, p. 47: "Rio de Janeiro") = *Thryothorus longirostris*. A grafia preferível seria cambaxirra-grande, nome pelo qual a espécie é conhecida no Rio de Janeiro.

Garça-pequena (*Garza pequena*, p. 300: "Sapitiba") = *Egretta thula*.

Garça-real (*Garza reale*, p. 300: "Sapitiba") = *Ardea alba*.

Garundi-preto (*Garundi preto*, p. 213: "Registro do Sai") = *Tachyphonus coronatus*. Variante de "gurundi", nome dado a vários trapídeos.

Gaturama (*Gaturama*, p. 201: s.l.) = *Euphonia violacea*. Variante de "gaturamo".

Gavião-branco (*Gaviao branco*: p. 3: "Delgado") = *Buteo albicaudatus*.

Gavião-dos-mangues (*Gaviao dos Mangues*, p. 3: s.l.) = *Buteogallus aequinoctialis*

Gavião-real (*Gaviao real*: p. 4: s.l.) = *Harpia harpyja*. O nome foi registrado para essa espécie em Rondônia (Rio Cautário) (Argel-de-Oliveira, 1992).

Gavião-real-grande (*Gaviao real grande*: p. 4: "Pará") = *Harpia harpyja*.

Gavião-tinga (*Gaviao tinga*, p. 2: "Sapitiba") = *Heterospizias meridionalis*.

Gralha-azul (*Gralha azul*, p. 191: "Scaramuza") = *Cyanocorax caeruleus*

Gralha-branca (*Gralha branca*, p. 189: s.l.) = *Cyanocorax cristatellus*.

Gr[alha]-do-peito-branco (*Gr. do petto branco*, p. 189: "Mattodentro") = *Cyanocorax cristatellus*.

Guarajuba (*Guará juba*, p. 256: "Pará") = *Guaruba guarouba*.

Guaranicinga (*Guaranisinga*, p. 220: "Mattodentro") = *Saltator grossus*. Segundo Garcia (1929) é metaplasmo de "guiracinga".

Guatinhuma (*Guatinhuma*, p. 201: "Ypanema") = *Euphonia chalybea*.

Guaxe (*Guache*, p. 193: "Sapitiba") = *Cacicus haemorrhous*. Em muitas regiões brasileiras é tratado pela variante "guaxo".

Guiramombucu (*Guirá memboeu*, p. 135: "Forte do Rio branco") = *Cephalopterus ornatus*. A grafia original parece ter sofrido um erro de transcrição (vide Houaiss & Villar, 2001).

Gurundi-azul (*Gurundi Azul*, p. 221: s.l.) = *Cyanocompsa brissoni*.

Inambu (*Inambu*, p. 294: "Sapitiba") = *Crypturellus tataupa*. Embora a pronúncia "inambu" seja a mais comum no estado de São Paulo, a forma "inambu" se mantém, assim como "lambu" e "nambu" (M. Argel, obs. pess).

Inambuguaçu (*Inambu guaçu*, p. 287: s.l.) = *Crypturellus obsoletus*. Sobre a formação de palavras com o fragmento "açu", veja Straube (2002).

Inambuxintã (*Inambu xintã*, p. 287: "Mattodentro") = *Crypturellus obsoletus*. Segundo CBRO (2006) a grafia (embora para outra espécie: *Crypturellus tataupa*) é "inambu-chintã".

Inapacanim (*Innapacanim*, p. 4: "Ypanema") = *Spizaetus tyrannus*. A grafia preferível é apacanim, embora o primeiro registro conhecido (1777) seja yapacani (Houaiss & Villar, 2001).

Inpacanim (*Npacanim*, p. 4: "Ypanema") = *Spizaetus ornatus*. Vide acima.

Ipacanim-do-campo (*Ypacanim do campo*, p. 2: "Ypanema") = *Heterospizias meridionalis*. Vide "inapacanim".

Itapema (*Ytapema*, p. 6: "Pirahy") = *Elanoides forficatus*.

Jaba (*Jaba*, p. 191: "Marambaya") = *Psarocolius decumanus*. Garcia (1929) cita como variação de "japu".

Jabiru (*Jabirù*, p. 304: s.l.) = *Ciconia maguari*. Sobre a variação de nomes populares de ciconídeos brasileiros, vide Straube (2000).

Jabiru-moleque (*Jabiru-Moleique*, p. 305: "Parana") = *Jabiru mycteria*.

Jaburu (*Jaburù*, p. 304: s.l.) = *Ciconia maguari*. Em São Paulo (Piracicaba), o nome é usado para *Jabiru mycteria* e também para *Mycteria americana*, que os locais têm por fêmea da primeira (M. Argel, obs. pess).

Jacamim-das-costas-brancas (*Jacamin das costas brancas*, p. 299: "Madeira") = *Psophia leucoptera*.

Jacamim-de-costas-cor-de-ubim-seco (*Jacamin de costas cor de ubin secco*, p. 298: s.l.) = *Psophia leucoptera*. "Ubin" é o nome usado na Amazônia para algumas espécies de palmeiras (Houaiss & Villar, 2001).

Jacamim-preto (*Jacamin preto*, p. 299: "Rio Mamoré") = *Psophia viridis*

Jacamim-preto (*Jacamin preto*, p. 299: "Pará") = *Psophia viridis*.

Jacuguaçu (*Jacu guaçu*, p. 281: "Ytararé") = *Penelope obscura*. CBRO (2006) grafia "jacuaçu", ainda que a outra grafia seja preferível (Straube, 2002).

Jacurutu (*Jacurutu*, p. 9: "Matogrosso") = *Bubo virginianus*.

Jacutinga (*Jacutinga*, p. 283: "Ypanema") = *Aburria jacutinga*.

Japim (*Jnapim*, p. 193: "Butuhuru") = *Cacicus chrysopterus*. Vide "chapim".

Jeruva (*Jeruva*, p. 19: "Ypanema") = *Baryphthengus ruficapillus*. Variante (corruptela) de "juruva", como a espécie é mais conhecida no Brasil.

João-corta-pau (*[Joao corta pau]*, p. 55: s.l.) = *Caprimulgus rufus*. Nesta passagem, Natterer não afirma se tratar de nome popular e sim como fonemas que descrevem o canto da espécie ("*Joao corta pau -- Joao corta -- pau*"), ainda que evidentemente baseado em denominação local. O nome é usado atualmente, tanto em São Paulo quanto no Mato Grosso do Sul (M. Argel, obs. pess).

João-de-barro (*Joao de barro*, p. 34: "Rio de Janeiro") = *Furnarius rufus*.

Juó (*Juò*, p. 287: "Forte do Rio branco") = *Crypturellus undulatus*. Variante de "jaó".

Juru (*Jurù*, p. 266: "Sai") = *Amazona fari-nosa*. Variante de "ajuru".

Jurueba (*Jurueba*, p. 265: "Pahor") = *Amazona vinacea*.

Jurutipiranga (*Juruti Piranga*, p. 279: "Mattodentro") = *Geotrygon montana*

Maçaricão (*Maçaricao*, p. 308: "Cajutuba") = *Numenius phaeopus*

Macucu (*Macucu*, p. 290: "Matogrosso") = *Tinamus tao*. Variante de "macuco".

Macucu (*Macucu*, p. 290: "Mattodentro") = *Tinamus solitarius*

Macucu-de-pantal (*Macucu de pantanal*, p. 291: "Matogrosso") = *Tinamus major*.

Maitaca (*Maitacca*, 264: "Mattodentro") = *Pionus maximiliani*.

Maracanã (*Maracanã*, p. 255: "Mattodentro") = *Primolius maracana*.

Maracanã-guaçu (*Maracanã guaçu*, p. 255: "Mattogrosso") = *Ara severus*

Marido-é-dia (*Marido he dia*, p. 47: "Cuyaba") = *Thryothorus leucotis*.

Marrequinha (*Marequinha*, p. 318: "R.Araguay") = *Heliornis fulica*

Martim-cachaça (*Martim cajaca*, p. 23: "Sapitiba") = *Ceryle torquatus*. Apesar da grafia original, é aceitável adotar o nome informado por Houaiss & Villar (2001). A grafia é adotada por Vieira (1936), assim como a variação "martim cachá".

Martim-cachaça (*Martim cajaca*, p. 23: "Sapitiba") = *Chloroceryle americana*.

Mergulhão (*Margulao*, p. 325: "Sapitiba") = *Sula leucogaster*.

Moleiro (*Molleiro*, p. 266: "Borba") = *Ama-zona farinosa*.

Mutum-cavalo (*Mutum cavallo*, p. 288: "Eng. do Gama") = *Mitu tuberosum*.

Mutum-de-assobio (*Mutum de assobio*, p. 288: "Piori") = *Crax globulosa*

Mutum-do-cu-branco (*Mutum do cu branco*, p. 286: "Rio negro") = *Crax alector*

Mutum-do-cu-vermelho (*Mutum do cu vermelho*, p. 288: "Marabitanas") = *Mitu tomentosum*.

Mutumpinima (*Mutum pinima*, p. 287: "Cajutuba") = *Crax fasciolata*. A grafia, não citada por Houaiss & Villar (2001), segue a lógica adotada no caso de "angelimpinima".

Nambuanhangá (*Nambu anhenga*, p. 293: s.l.) = *Crypturellus variegatus*. Há provável erro de transcrição (cf. CBRO, 2006: "inambu-anhangá").

Nambu-pixuna (*Nambu pichuna*, p. 287; s.l.) = *Crypturellus cinereus*.

Nambu-piranga (...piranga, p. 293: s.l.) = *Crypturellus variegatus*. Nesta passagem há um erro tipográfico insolúvel, não ficando bem clara a intenção de grafia: "*Nambu anhenga (piranga-sururina grande...*".

Nambu-sujo (*Nambu sujo*, p. 292: s.l.) = *Crypturellus cinereus*.

Narceja (*Naraja*, p. 312: "Sapitiba") = *Gal-linago paraguaiæ*. Possível erro de transcrição; o nome "narceja" é largamente usado no Brasil e a caligrafia de "ce" poderia ser interpretada por "a".

Nendaia (*Nendaya*, p. 257: "Ypanema") = *Aratinga auricapillus*.

Papa-arroz (*Pap' arroz*, p. 224: "Rio") = *Sporophila caerulescens*.

Papa-formigas (*Pappa formigas*, p. 86: "Registro do Sai") = *Sclerurus caudacutus*. Em São Paulo (Alto Ribeira), "papa-formiga" é aplicado a *Pyriglena leucoptera* (M. Argel, obs. pess).

Papagaio (*Papagaio*, p. 265: "Ilha do Mel") = *Amazona brasiliensis*.

Papagaio-de-capim (*Papagaio de Capim*, p. 267: "Pari") = *Salvatoria xanthops*.

Papagaio-dos-mangues (*Papagaio dos Mangues*, p. 266: "Sapitiba") = *Amazona amazonica*.

Papagaio-jurueca (*Papagaio jurueca*, p. 265: s.l.) = *Amazona vinacea*. Talvez erro de transcrição de papagaio-jurueba (q.v.).

Pato-do-mato (*Paddo do Matto*, p. 319: "Sapitiba") = *Sarkidiornis sylvicola*.

Pavão-de-mato-grosso (*Pavao de Mato-grosso*, p. 135: s.l.) = *Cephalopterus ornatus*.

Pavó (*Pavó*, p. 135: "Registro do Sai") = *Pyroderus scutatus*.

Perdiz (*Perdiz*, p. 294: "Mattodentro") = *Rhynchotus rufescens*.

Periquito (*Perriquito*, p. 267: "Sapitiba") = *Forpus passerinus*.

Periquito (*Periquito*, p. 268: "Rio negro") = *Touit purpuratus*.

Periquito-da-campina (*Periquito da Campina*, p. 260: "Barra do Rio negro") = *Broto-gerys versicolorus*.

Pernilonga (*Perni longa*, p. 310: "Sapitiba") = *Himantopus melanurus*.

Piaçoca (*Piasoca*, p. 313: "Sapitiba") = *Jacana jacana*.

Pica-barra (*Picca Barra*, p. 322: "Marambaya") = *Tachybaptus dominicus*. Nome semelhante porém usado para outra espécie (*Helioornis fulica*) é picaparra ou picapara (Houaiss & Villar, 2001; CBRO, 2006).

Picaçuroba (*Picazuroba*, p. 274: "Mattodentro") = *Patagioenas plumbea*.

Pichororé (*Pichorroré*, p. 219: "Cuyabá") = *Saltator coerulescens*. A grafia "pichororé" é a preferida, ainda que sirva para várias espécies de passeriformes.

Picochanchã (*Pico xanxan*, p. 249: "Taipa") = *Colaptes campestris*. É uma variante de "pica-pau-chanchã", em alguns lugares do Paraná chamado de "picachanchã" (F. C. Straube, obs. pess) ou apenas "chanchã", como em todo o estado de São Paulo (M. Argel, obs. pess).

Picuí-peão (*Picupeon*, p. 277: "Rio de Janeiro") = *Columbina talpacoti*.

Pintassilva (*Pintasilva*, p. 231: "Mattodentro") = *Carduelis magellanica*. Variação de "pintassilgo", bastante usada no Brasil.

Pirapaiaí (*Pira payá*, p. 19: s.l.) = *Baryphthengus ruficapillus*. Nessa passagem, Natterer afirma que essa é uma denominação em nhengatu ("*in der Lingua geral*").

Pirupiru (*Pirù, pirù*, p. 298: "Cajutuba") = *Haematopus palliatus*. Segundo CBRO (2006): "piru-piru".

Pixoxoque (*Pichochoque*, p. 227: "Almeida") = *Haplospiza unicolor*. Embora não admitido por Houaiss & Villar (2001), adota-se essa grafia por semelhança com a denominação de uma espécie afim (*Sporophila frontalis*) que, em sua área de ocorrência, é tratada por "pixoxó".

Pomba-juriti (*Pomba Juriti*, p. 278: "Sapitiba") = *Leptotila rufaxilla*.

Pomba-legítima (*Pomba legitima*, p. 275: "Taipa") = *Patagioenas cayennensis*. No estado de São Paulo, *Patagioenas picazuro* é chamada de "legítima" (Biritiba Mirim), e *Zenaida auriculata* de "legiti" (Campos do Jordão) (M. Argel, obs. pess).

Pomba-rola (*Pombarola*, p. 277: s.l.) = *Columbina talpacoti*.

Pomba-trocaz (*Pomba trocaz*, p. 274: "Cuyabá") = *Patagioenas picazuro*.

Porocoché (*Porocoché*, p. 132: "Rio grande") = *Carpornis cucullata*. Variante, igualmente onomatopéica de "corocochó" (CBRO, 2006) e "coricotéu" (vide acima).

Prebixim (*Prebixim*, p. 217: "Ypanema") = *Cissopis leveriana*. É citado por Vieira (1936).

Preguiça (*Preguiça*, p. 10: "Matto dentro") = *Nyctibius grandis*.

Quenquém (*Quenquen*, p. 190: "Furnas") = *Cyanocorax cyanopogon*.

Rapaz (*Rapaz*, p. 312: "Ytararé") = *Gallinago undulata*.

Rei-dos-tuinins (*Rei dos Tuinins*, p. 305: s.l.) = *Jabiru mycteria*.

Rendeira (*Rendeira*, p. 130: "Sapitiba") = *Manacus manacus*.

Rouxinol (*Rouxinol*, p. 194: "Rio negro") = *Icterus chrysiocephalus*.

Sabiacaica (*Sabiá sicca*, p. 261: "Rio de Janeiro") = *Triclarina malachitacea*. Segundo CBRO (2006): "sabiá-cica". Em São Paulo foi registrada recentemente a forma "sabiaci" (Altos Ribeira e Paranapanema) (M. Argel, obs. pess).

Sabiá-da-praia (*Sabia do Praya*, p. 95: "Marambaya") = *Mimus gilvus*.

Sabiá-das-laranjeiras (*Sabia das Laranjeiras*, p. 94: s.l.) = *Turdus rufiventris*.

Sabiá-do-campo (*Sabia do Campo*, p. 95: s.l.) = *Mimus saturninus*.

Sabiá-piranga (*Sabia piranga*, p. 94: "Sapitiba") = *Turdus rufiventris*.

Sabiapoca (*S. pocca*, p. 95: "Casa Pintada") = *Mimus saturninus*. Segundo CBRO (2006): "sabiá-poca", ainda que alusiva a outra espécie (*Turdus amaurochalinus*). No estado de São Paulo, utilizado atualmente para ambas as espécies, em diferentes localidades (M. Argel, obs. pess).

Sabiá-una (*Sabiao una*, p. 94: "Rio de Janeiro") = *Platycichla flavipes*. O nome é utilizado ainda hoje no estado de São Paulo (Alto Paranapanema, Alto Tietê) (M. Argel, obs. pess).

Sabião-poca (*Sabiao pocca*, p. 93: "Sapitiba") = *Turdus leucomelas*.

Sáira (*Saira*, p. 207: s.l.) = *Tangara peruviana*.

Saná (*Sannà*, p. 315: "Rio de Boraxudo") = *Pardirallus nigricans*. Variante de "sanã".

Saná (*Sanã*, p. 315: "Sapitiba") = *Pardirallus sanguinolentus*.

Sanhaço (*Sanhaçu*, p. 208: "Rio de Janeiro") = *Thraupis sayaca*. A grafia "sanhaçu", embora utilizada por alguns autores, introduz uma tonicidade que não corresponde à pronúncia popular.

Sanhaço (*Sanhaçu*, p. 218: s.l.) = *Saltator similis*.

Sanhaço-grande (*Sanhaçu grande*, p. 218: "Rio") = *Saltator similis*.

Sapucaia (*Sapucaya*, p. 207: "Sapitiba") = *Tangara peruviana*.

Saracura (*Saracura*, p. 315: "Marambaya") = *Pardirallus nigricans*.

Saracura (*Saracura*, p. 315: "Paranagua") = *Aramides cajanea*.

Saracura-da-praia (*Saracura da Praya*, p. 316: "Sapitiba") = *Aramides mangle*.

Saracura-do-brejo (*Saracura do Brejo*, p. 316: "Sapitiba") = *Aramides saracura*.

Saracura-dos-mangues (*Saracura dos Mangues*, p. 306: s.l.). Espécie não identificada, citada no texto sobre o guará (*Eudocimus ruber*) com o seguinte teor: "*Das Ei soll weiss sein, mit braunen Flecken wie von der Saracura dos Mangues, der Dotter soll roth sein (Rio do Boraxudo)*" ("O ovo deve ser branco, com marcas marrons tal como a saracura-dos-mangues, a gema deve ser vermelha (Rio do Borrachudo)"). Provavelmente é *Aramides cajanea*, coletada neste mesmo local.

Seriema (*Seriema*, p. 299: "nas Lages") = *Cariama cristata*. Variante preferida (Houaiss & Villar, 2001) de "sirriema" e "sariema".

Serra (*Serra*, p. 226: s.l.) = *Volatinia jacarina*. No original consta "*Serra Portug*" indicando o nome popular e a língua em que ele é usado.

Sevi (*Sevi*, p. 6: s.l.) = *Ictinia plumbea*.

Sivi (*Sivi*, p. 6: s.l.) = *Ictinia plumbea*. Nome registrado recentemente para essa mesma espécie no estado de São Paulo (Piraju) (M. Argel, obs. pess).

Soldado-pago (*Soldado pago*, p. 194: "Cuyabá") = *Icterus cayanensis*.

Sovi (*Sovi*, p. 6: "Cachoeirinha") = *Ictinia plumbea*.

Suindara (*Suindara*, p. 11: "Ypanema") = *Hydropsalis forcipata*. Nome registrado recentemente para *Tyto alba* no estado de São Paulo (Itararé, Ribeirão Grande) (M. Argel, obs. pess). As variantes corruptas "sondaia" e "sundaia" foram anotadas, respectivamente, para *Tyto alba* em Rio Claro, SP (M. Argel, obs. pess) e para outro caprimulgídeo (*Lurocalis semitorquatus*) na Serra do Mar paranaense (F. C. Straube, obs. pess).

Suiriri (*Suirir*, p. 117: "Sapitiba") = *Tyrannus melancholicus*. Erro tipográfico, no original. No estado de São Paulo, bem como em várias outras regiões do sul do Brasil, a pronúncia é sempre "siriri" (M. Argel, obs. pess).

Surucuá (*Surucuã*, p. 20: "Registro do Sai") = *Trogon viridis*.

Surucuá (*Surucua*, p. 20: "Rio negro") = *Pharomachrus pavoninus*.

Sururina-grande (*sururina grande*, p. 293: "Borba") = *Crypturellus variegatus*. Vide sob "nambu-piranga".

Taquara (*Taguara*, p. 19: "Rio") = *Baryphthengus ruficapillus*. Erro de transcrição ("gu-" por "qu-").

Taiacuira (*Taiacu uirã*, p. 272: s.l.) = *Neomorphus rufipennis*. A grafia obedece Houaiss & Villar (2001).

Tapema (*Tapenna*, p. 6: s.l.) = *Elanoides forficatus*. Erro de transcrição (vide "itapema").

Taperuçu (*Taperuçu*, p. 15: "Rio de Janeiro") = *Streptoprocne zonaris*.

Tapicuru (*Tapicuru*, p. 307: "Mattodentro") = *Mesembrinibis cayennensis*

Tapucajá (*Tapucaja*, p. 304: "Irisanga") = *Ciconia maguari*.

Tarão (*Taran*, p. 307: "am Amazonenflusses") = *Cercibis oxycerca*.

Tem-tem (*Tenten*, p. 213: "Borba") = *Tachyphonus surinamus*. Variante de "tentem".

Tesoureiro (*Tesourero*, p. 118: "Oudaria") = *Tyrannus savana*. O nome foi registrado recentemente em outras regiões brasileiras para esta e outras espécies (*Gubernetes yetapa*, *Phibalura flavirostris*, *Fregata magnificens*) (M. Argel, obs. pess).

Tiê-galo (*Tié gallo*, p. 213: "Rio Janeiro") = *Tachyphonus cristatus*. O substantivo genérico é variante de "tiê".

Tietê (*Tieté*, p. 204: "Sapitiba") = *Euphonia violacea*.

Tingaçu (*Tingaçu*, p. 272: s.l.) = *Piaya cayana*. Variante de "tinguaçu".

Tinguacu-mirim (*Tinguazu mirim*, p. 95: "Paranagua") = *Attila rufus*.

Tiriba (*Tiriba*, p. 259: "Registro do Sai") = *Pyrhura cruentata*. Em muitas regiões brasileiras (p. ex. sul) é chamada "tiriva".

Tiriba (*Tiriba*, p. 259: "Mattodentro") = *Pyrhura frontalis*. Usado no estado de São Paulo, assim como a variante "tiriva", esta preferida no Paraná (M. Argel, F.C. Straube, obs. pess).

Tovaca (*Tovacca*, p. 91: "Rio de Janeiro" e "Mattodentro") = *Chamaeza meruloides*.

Tovacuçu (*Tovaquçu*, p. 91: "Ypanema") = *Grallaria varia*.

Trinta-réis (*Trinta Reys*, p. 324: "Sapitiba") = *Thalasseus maximus*. Em São Paulo, o nome é usado de forma genérica para os Sternidae, na região do Lagamar (M. Argel, obs. pess).

Triste-pia (*Triste pia*, p. 199: "Mattogrosso") = *Dolichonyx oryzivorus*.

Trompeteiro (*Trompeteiro*, p. 307: "Rio Guaporè") = *Cercibis oxycerca*.

Tropeiro (*Tropeiro*, p. 122: "Mattogrosso") = *Lipaugus vociferans*.

Tucano (*Tucano*, p. 234: "Registro do Sai") = *Ramphastos vitellinus*.

Tucanuçu (*Tucanuçu*, p. 233: "Ypanema") = *Ramphastos toco*.

Tuinim-de-cabeça-vermelha (*Tuinin de cabeça vermelha*, p. 305: "Caiçara") = *Jabiru mycteria*.

Tuiuí (*Tuyuya*, p. 305: s.l.) = *Jabiru mycteria*.

Turucuê (*Turucuhê*, p. 35: "Ypanema") = *Synallaxis ruficapilla*.

Turucaxé (*Turucué*, p. 35: "S.Paul") = *Synallaxis spixii*.

Turucuê (*Turucuhê*, p. 36: "Salto do Girao") = *Synallaxis gujanensis*.

Uarirama (*Uarirama*, p. 23: s.l.) = Alcedinidae. Vocábulo primitivo de "ariramba"; no original, Natterer adiciona: "*Die Eisvögel heißen Uarirama in der lingua geral*" (os martins-pescadores são chamados de Uarirama na Língua Geral (ou seja Nheenga-

tu)). Vide também Garcia (1929) e Vieira (1936).

Uraçu (*Uraçu*: p. 4: "Borba" e "Barra do Rio negro") = *Harpyia harpyja*. Talvez erro de transcrição de "uiracu".

Uru (*Uru*, p. 289: "in den Prov. von Rio und S.Paulo") = *Odontophorus capueira*.

Urubu (*Urubu*, p. 1.: "Capit. S.Paulo") = *Cathartes aura*.

Urubu-paraguá (*Urubu paraguá*, p. 262: "Borba") = *Gypopsitta vulturina*.

Urubupeba (*Urubu peba*, p. 1: "Capit. S. Paulo") = *Coragyps atratus*.

Urubutinga (*Urubutinga*, p. 1; s.l.) = *Cathartes burrovianus*.

Urumutum (*Urù-Mutum*, p. 288: "Cocuy") = *Nothocrax urumutum*.

Urutau (*Urutau*, p. 10: "Registro do Sai") = *Nyctibius aethereus*.

Urutau (*Urutau*, p. 10: s.l.) = *Nyctibius grandis*.

Verondica (*Verondica*, p. 200: "Ypanema") = *Molothrus bonariensis*. Provável erro de transcrição.

Vira-bosta (*Virabosta*, p. 195: "Marambaya") = *Gnorimopsar chopi*.

Vira-bosta (*Virabosta*, p. 198: s.l.) = *Pseudoleistes guirahuro*.

Vira-bosta (*Virabosta*, p. 200: s.l.) = *Molothrus bonariensis*. Este é um dos nomes usados, para essa espécie, no estado de São Paulo (M. Argel, obs. pess).

Vira-bosta-grande (*Virabosta grande*, p. 201: "Sapitiba", "Monjolinho" e "Cuyabá") = *Molothrus oryzivorus*.

Viruçu (*Viruçu*, p. 122: "Mattodentro") = *Lipaugus lanioides*.

Xapu (*Xapu*, p. 191: s.l.) = *Psarocolius decumanus*. Variante de "japu".

AGRADECIMENTOS

Os autores são gratos a José Fernando Pacheco e Vitor Piacentini pela colaboração em algumas questões nomenclatórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABL, Academia Brasileira de Letras. 2004. **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. 4ª edição. Disponível online em <http://www.academia.org.br/> Acessada em 28 de outubro de 2006.
- Andrade, G.A. de. 1982. **Nomes populares das aves do Brasil**. Sociedade Ornitológica Mineira e Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. 95 pp.
- Andrade, G.A. de. 1985. **Nomes populares das aves do Brasil**. Belo Horizonte, Editerra Editorial. 258 pp.
- Argel-de-Oliveira, M. M. 1992. Alguns nomes populares de aves do sudoeste do Estado de Rondônia, Brasil. **Boletim do Centro de Estudos Ornitológicos** 8: 22-27.
- Bencke, G.A. 2001. **Lista de referência das aves do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Fundação Zoológica do Rio Grande do Sul. Publicações Avulsas FZB n° 10: 1-104.
- CBRO: Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. 2006. **Lista das aves do Brasil**. Versão 15 de julho de 2006. Disponível online em <http://www.cbro.org.br>; acessada em 13 de fevereiro de 2007.
- CEO, Centro de Estudos Ornitológicos. 2006. **Lista dos nomes populares das aves do Brasil**. Home-

page do Centro de Estudos Ornitológicos, disponível online em <<http://www.ib.usp.br/ceo/>>, atualizada em 13 de março de 2006, acessada em 7 de novembro de 2006.

Figueiredo, L.F. de A. 1986. Contribuições para discutir a questão dos nomes vulgares para as aves brasileiras. **Boletim do Centro de Estudos Ornitológicos** 1: 30-33.

Figueiredo, L. F. D. A. (2002) Nomes populares das aves brasileiras. **Atualidades Ornitológicas** 110:5.

Garcia, R. 1929. Nomes de aves em língua tupi. **Boletim do Museu Nacional** 5(3): 1-54.

Goeldi, E.A.. 1896. Johannes von Natterer. Biographia. **Boletim do Museu Goeldi** 1(3): 189-217.

Höfling, E. 1987. Ainda sobre os nomes populares das aves brasileiras. **Bol. CEO** 3: 26-28.

Houaiss, A. & Villar, A. de S. 2001. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva. 2922 pp.

Ihering, H. von. 1902. Natterer e Langsdorff: exploradores antigos do estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista** 5: 13-34.

Ihering, R. von. 1968. **Dicionário dos animais do Brasil**. São Paulo, Editora UnB. 790 p.

Lopes, J.C. da V. 1981. **Curucaca**. Curitiba, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. 12 pp.

Pacheco, J. F. 2001. Tangara – gênero de uns, ainda que nome vulgar de outros! **Tangara** 1 (1): 5-11.

Paynter, R.A. & T aylor, M.A. 1991. **Ornithological gazetteer of Brazil**. Cambridge, Museum of Comparative Zoology. 2 vols, 788 pp + viii.

Pelzeln, A. von. 1871. **Zur Ornithologie brasiliens**: Resultate von Johann Natterers Reisen in den Jahren 1817 bis 1835. Viena, A.Pichler's Witwe & Sohn. 462 pp + xx (Itinerarium von Natterer's Reisen in Brasilien 1817-1835).

Pérez, N. & Colmán, A. 1995. Avifauna de las areas protegidas de Itaipu, 1: Aves del Refugio Biológico Mbaracayu: Salto del Guayra, Paraguay. **Biota** 4: 1-24.

Sick, H. 1997. **Ornithologia brasileira**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira. 912 p.

Straube, F.C. 2000. Johann Natterer (1817-1843): naturalista-maior do Brasil. **Nattereria** 1: 4-13.

Straube, F.C. 2000. Questões lingüísticas em Ornithologia, 4: A carta de Ferreira Penna e os nomes populares dos Ciconiidae brasileiros. **Atualidades Ornitológicas** 98: 10-11.

Straube, F.C. 2002. Questões lingüísticas em Ornithologia, 5: O sufixo "açu", suas variantes e a formação de alguns nomes populares de aves brasileiras. **Atualidades Ornitológicas** 107: 4-5.

Vanzolini, P. E. 1993. As viagens de Johann Natterer no Brasil (1817-1835). **Papéis Avulsos de Zoologia** 38(3): 17-60.

Vieira, C. O. de C. 1936. Nomes vulgares de aves do Brasil. **Revista do Museu Paulista** 20: 437-490.

Willis, E. O. 2006. Um problema grande com os nomes gerais de aves: nomes curtos e genéricos podem não ser os mais adequados. **Atualidades Ornitológicas** (133): 11.

Willis, E.O. & Oniki, Y. 1986. O projeto de nomes de aves brasileiras. **Bol. CEO** 2: 24-26.

Willis, E.O. & Oniki, Y. 1989. Nomes regionais e gerais das aves. **Bol. CEO** 6: 15-18.

Willis, E.O. & Oniki, Y. 1991. **Nomes gerais para as aves brasileiras**. Rio Claro, Américo Brasiliense. 79 pp.

¹. *Mülleriana*: Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais (Curitiba, Paraná); urutau@mulleriana.org.br; ². Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); ³. iacordi@brturbo.com.br; ⁴. Wildlife Conservation Society; marthaargel@gmail.com.br